

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade de Coimbra

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Maurine Chapuis--Caillat

Dissertação de Mestrado Integrado na área científica de Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicopatologia e Psicoterapias dinâmicas, orientada pelo Professor Doutor Rui Paixão.

Setembro de 2020

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Agradecimentos

Obrigada...

Aos meus pais, por me terem dado o amor da lusofonia e por confiar em minhas capacidades desde sempre.

Ao meu namorado, que me inspirou o tema da presente investigação e que esteve ao meu lado durante os dois anos de estudo em Portugal.

Ao meu orientador, Professor Rui Paixão pelo imenso apoio que me disponibilizou e por me ter sempre considerada da mesma maneira como meus colegas.

Um especial agradecimento ao Professor Manuel Ramos, a Professora Filipa César e ao meu colega Heitor Almeida por me ajudarem a enriquecer a amostra do estudo.

Ao Professor Bruno de Sousa, Emma Souclier e Karim Ferhat pelo apoio e orientação na elaboração das minhas análises estatísticas.

Mais uma vez, obrigada ao meu colega Heitor Almeida por ter corrigido as últimas partes da presente tese.

Por fim, a todas as pessoas que conheci durante o meu percurso em Coimbra por me acolherem com benevolência e me terem deixado maravilhosas memórias.

Resumo

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Resumo: A presente investigação pretende estudar as caraterísticas do indivíduo capazes de diminuir ou impedir a reprodução da violência vivida no âmbito de maus-tratos enquanto criança, no seio de uma relação amorosa, na idade adulta.

Assim, analisou-se uma amostra de 263 sujeitos (216 mulheres e 47 homens), com uma média de idades de 24 anos e 3 meses (DP= 6.9). Foram submetidas as escalas Inventário de Violência Conjugal (IVC), Questionário de Trauma na infância-versão breve (CTQ-SF), Escala de Resiliência, Escala de Autoestima (EAO), Inventário Clínico de Autoconceito (ICAC), Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS), Escala de Narcisismo Hipersensível (HSNS) e Inventário de Vinculação aos Pais e Pares (IPPA).

Os resultados encontrados revelam a existência de uma relação preditiva entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal, seja enquanto perpetrador ou vítima. Além disso, a resiliência apresenta três fatores de predição; a autoestima, o autoconceito e o suporte social percebido. Por fim, o suporte social percebido revela-se ser o único fator que tem um efeito moderador na reprodução da violência conjugal na idade adulta. No entanto, nenhuma das caraterísticas individuais estudadas foram identificadas como preditivas da reprodução da violência.

Palavras-chave: maus-tratos na infância, violência conjugal, resiliência, autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido, narcisismo, reprodução da violência.

Abstract

Characteristics of the individual in the relationship comparing abuse during childhood and conjugal violence during adulthood

Abstract: *The present investigation intends to study the characteristics of individuals who are able to reduce or prevent the reiteration of violence experienced in the scope of mistreatment as a child, within a loving relationship as an adult.*

Thus, a sample of 263 subjects (216 women and 47 men) was analyzed, with an average age of 24 years and 3 months (SD = 6.9). A set of eight scales was submitted; Conjugal Violence Inventory (IVC), Childhood Trauma Questionnaire (CTQ-SF), Resilience Scale, Self-Esteem Scale (EAO), Inventory of Clinical Self-Concept (ICAC), Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS), Hypersensitive Narcissism Scale (HSNS) and Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA).

The results found reveal the existence of a predictive relationship between childhood maltreatment and domestic violence, whether as a perpetrator or victim. In addition, resilience has three predictive factors; self-esteem, self-concept and perceived social support. Finally, the perceived social support reveals to be the only factor that has a moderating effect on the reiteration of domestic violence in adulthood. However, none of the studied individuals' characteristics were identified as predictive of the reiteration of violence.

Keywords: *childhood abuse, conjugal violence, resilience, self-esteem, self-concept, attachment to parents, perceived social support, narcissism, reproduction of violence.*

Résumé

Caractéristiques de l'individu dans la relation entre la maltraitance durant l'enfance et la violence conjugale à l'âge adulte

Résumé : *La présente étude porte sur les caractéristiques de l'individu susceptibles de diminuer ou empêcher la reproduction de la violence vécue en tant qu'enfant, au sein d'une relation amoureuse à l'âge adulte.*

Un échantillon de 263 sujets (216 femmes et 47 hommes) a été analysé, avec une moyenne d'âge de 24 ans et 3 mois (DP= 6.9). Un ensemble de huit échelles a été soumis ; Inventaire de Violence Conjugale (IVC), Questionnaire de Trauma dans l'enfance-version brève (CTQ-SF), Echelle de Résilience, Echelle d'estime de soi (EAO), Echelle de concept de soi (ICAC), Echelle Multidimensionnelle de Soutien Social Perçue (MSPSS), Echelle de Narcissisme Hypersensible (HSNS) et Inventaire d'Attachement aux Parents et aux Pairs (IPPA).

Les résultats obtenus montrent l'existence d'une relation prédictive entre la maltraitance pendant l'enfance et la violence conjugale, que ce soit en tant que coupable ou en tant que victime. De plus, la résilience présente trois facteurs prédictifs ; l'estime de soi, le concept de soi et le soutien social perçu. Ce dernier révèle être l'unique facteur à potentiel modérateur sur la reproduction de la violence conjugale à l'âge adulte. En revanche, aucune des caractéristiques étudiées n'ont été identifiées comme prédictives sur la reproduction de la violence.

Mots-clés : *maltraitance pendant l'enfance, violence conjugale, résilience, estime de soi, concept de soi, attachement aux parents, soutien social perçu, narcissisme, reproduction de la violence.*

Índice

Introdução.....	7
I. Enquadramento teórico	8
1.1. Violência durante a infância.....	8
1.2. Violência no namoro	9
1.3. Transmissão intergeracional da violência	10
1.4. Resiliência	11
1.5. Fatores de proteção.....	13
1.5.1. Suporte social e resiliência.....	13
1.5.2. Vinculação e vitimização da criança.....	14
1.5.3. Autoconceito e relação com os pais	14
1.5.4. Autoestima e resiliência	16
1.5.5. Narcisismo vulnerável e agressividade	17
II. Objetivos e hipóteses	18
III. Metodologia.....	19
3.1. Participantes	19
3.2. Instrumentos	20
3.2.1. Questionário sociodemográfico e clínico.....	20
3.2.2. Violência conjugal: Inventário de Violência Conjugal	21
3.2.3. Vivência de violência na infância: Questionário de Trauma na Infância – Versão breve.....	21
3.2.4. Resiliência: Escala de Resiliência.....	22
3.2.5. Fatores de proteção: Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido, Inventário Clínico de Autoconceito, Escala de Autoestima, Escala de Narcisismo Hipersensível e Inventário de Vinculação aos Pais e Pares	22
3.3. Procedimentos	24
IV. Resultados	26
4.1. Análises descritivas do Inquérito Sociodemográfico.....	26
4.2. Análises descritivas das variáveis em estudo	28
4.3. Análises correlacionais.....	29
4.4. Regressões.....	31
V. Discussão.....	33
VI. Conclusões/Limitações	35
Bibliografia.....	37
Anexos.....	42

Introdução

Os maus-tratos das crianças durante a infância e a violência no namoro têm sido temas largamente estudados de forma específica ou agregada em múltiplas investigações (Lichter & McCloskey, 2004; O’Keefe, 1998; Widom, Czaja, & Dutton, 2014; Wolfe, Scott, Wekerle, & Straatman, 2001). Usualmente estes estudos, que ligam estas temáticas, fazem-no de maneira retrospectiva, ou seja, explicam o comportamento violento atual do adulto considerando os antecedentes de abuso na infância desse mesmo adulto. Esta abordagem, apesar de importante, não permite, contudo, perceber devidamente a interrupção destes ciclos de violência na idade adulta, mesmo naqueles que foram vítimas da violência na infância. Isto é, perceber os fenómenos subjacentes às realidades de todos aqueles que conseguem quebrar estes ciclos de violência intergeracional.

No presente estudo, partindo de uma abordagem prospetiva, pretende-se perceber as diferenças entre as crianças maltratadas na infância e que continuam envolvidas em relações violentas na idade adulta e as que cessam esses ciclos, conseguindo organizar relações íntimas não violentas. Nesse sentido, o estudo aborda as relações vividas na infância de indivíduos jovens adultos e as suas relações amorosas atuais. O foco nos jovens adultos justifica-se porque estes são sujeitos tendencialmente mais suscetíveis a recordar e a ter uma maior consciência das vivências infantis, ao mesmo tempo que vivem as primeiras relações amorosas.

Queremos, assim, esclarecer as variáveis do indivíduo que anulam a reprodução dos esquemas de violência vividos na infância, no contexto do namoro na idade adulta e perceber qual a probabilidade de uma criança maltratada vir a ser, mais tarde, um agressor ou uma vítima de agressão no âmbito das relações amorosas. As variáveis avaliadas, potencialmente envolvidas nestes ciclos de violência, incluem o autoconceito, a autoestima e o narcisismo do indivíduo, assim como a vinculação aos pares e à família e o sentimento de suporte social. O foco principal do nosso estudo é, em suma, o ciclo de violência entre íntimos e, mais particularmente, a “quebra” desses ciclos, como expressão da resiliência dos indivíduos que conseguem ultrapassar vivências precoces desorganizantes de violência familiar.

I. Enquadramento teórico

1.1. Violência durante a infância

Com base nas estatísticas da APAV do ano 2018, sabemos que dos 9344 casos de violência familiar, 8.3% (766 pessoas) das vítimas são o filho ou a filha do autor do crime, o que constitui, neste contexto, a segunda ocorrência relacional entre o perpetrador e a vítima mais representada («Relatório Anual 2018», 2019). A primeira inclui as relações amorosas, com 57.7% dos casos [envolvendo companheiro(a), cônjuge, ex-companheiro(a), ex-cônjuge, ex-namorado(a), namorado(a)]. A violência da criança contra os pais (7.5%), ou entre duas pessoas sem vínculo (4.9%), aparecem depois. Os maus-tratos infantis, por outro lado, incluem os abusos ou negligências físicas, psicológicas (ameaça, humilhação, testemunho de violência doméstica) e sexuais (imposição da vontade sexual à criança).

A maior parte do tempo os maus-tratos vividos pela criança são coocorrentes, ou seja, as crianças vivem mais de uma forma de maus-tratos. Esta coocorrência, por outro lado, tende a aumentar as consequências negativas destas vivências na idade adulta. Bouchard et al. (2008), por exemplo, evidenciaram a relação destas coocorrências com o aumento do sofrimento psicológico, dos sintomas de stresse pós-traumático e dos problemas ligados à saúde física em crianças.

Outro fator de risco importante inclui a exposição da criança à violência doméstica entre os pais (Wolfe, Crooks, Lee, McIntyre-Smith, & Jaffe, 2003). Da mesma forma que para os abusos e as negligências, a exposição à violência doméstica pode ter consequências a longo prazo e causar problemas de comportamento importantes na adolescência, como delinquência e/ou perpetração da violência (Herrenkohl et al., 2011). Torteya, Levendosky e Bogat (2009), por exemplo, evidenciaram que as crianças submetidas a violência são 3.7 vezes mais suscetíveis de desenvolver problemas comportamentais e emocionais.

Em 2008, Fergusson, Boden e Horwood mostraram que os maus-tratos durante a infância aumentam os riscos de problemas mentais como a depressão, os comportamentos antissociais, a dependência de substâncias, a ideação suicida e as tentativas de suicídio. Características do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

entre 16 e os 25 anos. Por exemplo, os indivíduos submetidos a severos maus-tratos físicos durante a infância reportaram, em média, 1.41 de distúrbios mentais aos 25 anos, contra uma média de 0.59 em pessoas não submetidas a esses ambientes de violência física na infância. Quer dizer, as crianças funcionam como verdadeiras “caixas de ressonância” da vida familiar, embora outras variáveis tenham também uma importância fulcral para o desenvolvimento dessas crianças, como o ambiente sociocultural que as envolve.

1.2. Violência no namoro

A violência conjugal ou doméstica é, ainda, um problema predominante nas nossas sociedades. Em 2018, em Portugal, por exemplo, a Polícia de Segurança Pública e a Guarda Nacional Republicana registaram 28230 vítimas de crime de violência doméstica, com uma proporção de 78.9% de mulheres («Lesadas/ofendidas identificadas em crimes de violência doméstica contra o cônjuge ou análogo registados pela PSP e GNR por Sexo», 2018). A violência doméstica sugere, nestes casos, situações de violência no seio da família ou do namoro, ou duma relação marcada por um vínculo emocional entre o perpetrador e a vítima.

A violência conjugal ou doméstica pode, também, ser física, psicológica, sexual e/ou social. A violência física consiste em agressões físicas como espancar, bater, cortar, etc. O abuso sexual ocorre quando o parceiro obriga o outro a ter atos sexuais contra a sua vontade. A violência psicológica pode ser representada pela violência verbal como insultar, ameaçar e humilhar, assim como manipular e controlar o companheiro. Por fim, a violência social realiza-se quando há isolamento social com o impedimento do parceiro de ter contacto com os amigos e/ou a família.

Em termos gerais, os estudos têm evidenciado que, aproximadamente, 10.7% dos indivíduos já estiveram envolvidos em situações de violência física e 38.2% em situações de violência psicológica (Duarte & Lima, 2006).

Numa revisão da literatura sobre este tema, Caridade e Machado (2006) reuniram vários fatores de risco envolvidos na violência na intimidade juvenil. Foram identificados como fatores de risco, a autoestima, a duração e a estabilidade da relação, tais como as relações passadas e as competências de comunicação interpessoal. Assim como o funcionamento familiar, a ausência de práticas educativas adequadas, o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas (Lewis & Fremouw, 2001). Um dos maiores riscos da violência vivida na infância constitui-se na repetição desses padrões de violência que se começam logo a manifestar nas primeiras relações de intimidade na adolescência. Com efeito, estes antecedentes de violência na

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

infância contribuem para a interiorização de modelos de resolução de conflitos baseados na violência: as crianças aprendem assim que a violência é uma norma, ou um comportamento aceitável nas relações de namoro (Fernet, Hamel, Rondeau, & Tremblay, 2003).

1.3. Transmissão intergeracional da violência

A transmissão intergeracional da violência pode ser definida como a reprodução, pela criança, do abuso dos pais, na idade adulta (Oliveira, 2009). Os maus-tratos podem funcionar como um círculo vicioso, ou seja, as crianças vítimas reproduzirão a violência dos pais na idade adulta (Gómez, 2011). Esta violência inclui o envolvimento em relações de namoro violentas, como vítima ou como perpetrador, a organização de famílias marcadas por relações de violência e maus-tratos das próprias crianças.

De qualquer modo, sabemos que a exposição à violência durante a infância aumenta o risco da criança desenvolver comportamentos desviantes. Lichter e Mc Closkey (2004), por exemplo, mostram como adolescentes submetidos a violência doméstica durante a infância tendem a justificar o uso da violência nas relações amorosas. No mesmo sentido, Wolfe et al. (2001), examinaram a relação entre os maus-tratos durante a infância e a violência no namoro, mostrando que as raparigas com um histórico de maus tratos apresentam maior risco de sofrimento emocional em comparação com as raparigas sem tais histórias. Evidenciam, também, um maior risco de se envolverem em comportamentos delinquentes.

No Inquérito Nacional sobre a Violência Contra as Mulheres em França (Jaspard, Brown, Ithmond, & Saurel-Cubizolles, 2003), os investigadores concluíram que as mulheres vítimas durante a infância têm um maior risco de ser vítimas de violação na adolescência ou na idade adulta. Com efeito, 50% das mulheres que foram vítimas durante a infância são também vítimas na idade adulta, contra 10% que não foram vítimas durante a infância (Jaspard et al., 2003). Estes estudos mostram também a existência de uma forte relação entre a violência interparental e a violência na intimidade juvenil. Com efeito, o estudo de Renner e Slack (2004), por exemplo, evidencia que as crianças submetidas a violência interparental são mais suscetíveis de voltar a ser vítimas de violência conjugal na idade adulta. Segundo Dixon, Browne e Hamilton-Giachritsis (2008), as mães que foram abusadas fisicamente durante a infância apresentam um risco 12.6 vezes maior de abusar das suas crianças, comparativamente àquelas que não foram maltratadas pelos pais. Quer dizer, os pais com antecedentes de maus-tratos na sua infância apresentam um risco significativo de vir a abusar e/ou negligenciar a sua criança.

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Contudo, podemos perguntar se todas as crianças abusadas se tornam perpetradores ou vítimas dessa violência e em que condições isso não acontece. Esta pergunta, contudo, tem sido pouco estudada.

No entanto, a reprodução da violência não é, de facto, uma fatalidade, pois segundo Jaspard, Brown, Ihomond, Saurel-Cubizolles (2003), por exemplo, 72% das mulheres que foram vítimas durante a infância não foram vítimas de violência conjugal durante o último ano. Também, os estudos de Dixon, Browne e Hamilton-Giachritsis (2008), sobre os fatores associados à continuidade/descontinuidade da transmissão intergeracional da violência na infância evidenciam, numa amostra de 4351 famílias, as características específicas das famílias “iniciadoras” (isto é, aquelas onde os pais não tendo reportado antecedentes de maus-tratos durante a sua infância, introduzem enquanto pais os maus-tratos nos filhos), “mantenedoras” (pais que foram abusados durante a infância e que maltratam os seus próprios filhos, repetindo assim o ciclo de violência), e as que quebram este ciclo (pais que foram abusados durante a infância, mas que não maltratam os filhos, quebrando assim o ciclo de violência). Estes estudos evidenciam que a presença de fatores protetores distingue as famílias que quebram o círculo da violência das famílias que a mantêm. Os fatores de proteção evidenciados foram a estabilidade financeira e o suporte social.

Felizmente a vitimização durante a infância não define totalmente o futuro da pessoa. Mesmo se o fato de ter sido maltratado durante a infância aumenta a probabilidade de estar envolvido numa relação violenta futura, o vínculo entre estes dois eventos está longe de ser direto ou inevitável. Assim, podemos concluir que a transmissão intergeracional dos maus-tratos parece ser mais a exceção do que a regra e que, ao contrário da opinião comum, a reprodução dos maus-tratos não é inevitável (Lecomte, 2002).

1.4. Resiliência

No início, o conceito de resiliência foi usado no domínio da física para caracterizar a resistência dos materiais ao stress, nomeadamente a capacidade do material recuperar a sua forma inicial.

Na psicologia, o conceito de resiliência aparece apenas em 1999, com Boris Cyrulnik no contexto de uma reflexão sobre o porquê de certos indivíduos confrontados com acontecimentos

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

traumáticos, geralmente desestruturadores, se revelarem capazes de lidar com esse stresse sem aparentes consequências negativas. A análise dos fatores individuais e ambientais que permitem esta resiliência pode, segundo Cyrulnik (1999), ajudar a perceber alguns sintomas e ajudar os indivíduos em dificuldades. Este problema, tal como é colocado por Cyrulnik (1999), acaba por ser muito semelhante àquele que aqui colocamos, isto é, o de saber porque é que algumas crianças que vivem a negligência, os maus-tratos e o abandono, ficam para sempre marcadas e incapazes de ultrapassar estas vivências e outras parecem encontrar as forças necessárias para sobreviver?

De qualquer modo, o conceito de resiliência evoluiu e, em 2001, Lemay redefine-o como a capacidade de um indivíduo lidar com o stresse limitando as consequências negativas dessa vivência.

A investigação iniciada já no fim do Século passado, início do atual século, tem-se focado nesta questão. Por exemplo, Jaffee, Caspi, Moffitt, Polo-Tomas e Taylor (2007), estudando 1116 pares de gémeos entre o quinto e sétimo ano de idade, procuraram conhecer as características que permitem a resiliência dos indivíduos. Concluíram que as crianças resilientes estavam envolvidas num nível normal de comportamentos antissociais, apesar de terem sido maltratadas. Os rapazes com inteligência média e com pais com sintomas de personalidade antissocial tinham, também, mais probabilidades de ser resilientes. Ao contrário, as crianças com pais com problemas de adição às drogas e que viviam em ambientes altamente marcados pelo crime eram menos propensos a ser resilientes.

No mesmo sentido, Bogat, Torteya e Levendosky (2009), definiram as características que influenciam positivamente a resiliência, considerando nomeadamente: a parentalidade positiva, o temperamento fácil da criança e a inteligência da criança. A não-resiliência é mais marcada pela depressão maternal, eventos de vida stressantes e estatuto étnico minoritário.

Em 2017, Louis desenvolve a ideia segunda a qual todo indivíduo tem uma base de resiliência, mas que depende dos fatores de proteção disponíveis na vida dele e que podem modificar a reação face à adversidade e, portanto, atenuar os efeitos negativos. Declara também que a capacidade da criança ultrapassar os traumatismos depende das fontes internas, tal como o esforço, a energia, a inteligência ou a força e de fontes externas tal como o ambiente. Num outro lado, Pesce et al. (2004) explicam que a resiliência não pode ser pensada como um atributo presente no sujeito desde o nascimento, nem que ele adquira durante o seu desenvolvimento. Salientam a importância dos fatores ou mecanismos de proteção que um indivíduo dispõe para perceber a sua capacidade de resiliência.

No nosso estudo, focaremos as seguintes variáveis associadas ao desenvolvimento da capacidade de resiliência da criança maltratada: a autoestima, o autoconceito, o narcisismo, a vinculação e o suporte social do indivíduo.

1.5. Fatores de proteção

As variáveis que permitem à criança tornar-se resiliente e, portanto, de não reproduzirem a violência podem ser consideradas fatores de proteção. No nosso estudo, estes fatores são o suporte social, a vinculação aos pais, a autoestima, o autoconceito e o narcisismo. Silva (2009) explicou que “uma criança tende a ser mais vulnerável quanto menos fatores de proteção perceber em seu meio para ajudá-la a enfrentar as dificuldades existentes. De maneira oposta, tende a ser mais Resiliente quanto mais fatores de proteção captar do meio em que vive” (p.83).

1.5.1. Suporte social e resiliência

O suporte social inclui diferentes tipos de apoio: suporte emocional, instrumental e informacional (Carvalho, Pinto-Gouveia, Pimentel, Maia, & Mota-Pereira, 2011) oferecido por pessoas significativas para o indivíduo, sejam membros da família, amigos ou outro significativo (Zimet et al., 1988).

Em 1995, Lackey e Williams afirmaram que o vínculo social aumenta a probabilidade de relações não violentas. Com efeito, apoiando-se nas dimensões do fenómeno definidas na teoria do vínculo social de Hirschi (1969) esclarecem o funcionamento deste fator protetor. A primeira dimensão, a vinculação, permite às pessoas que têm um forte vínculo afetivo com outras pessoas, diminuir a probabilidade de adotar um comportamento desviante por medo da desaprovação dessas mesmas pessoas significativas. A segunda é o envolvimento dos indivíduos. Neste caso, quanto maior for esse envolvimento, mais tenderão a se conformar aos modos de conduta convencionais e menos tenderão a se envolver em comportamentos desviantes. Em terceiro, os indivíduos implicados em atividades convencionais tenderão a ter menos ocasiões para realizar atos desviantes. Por fim, a quarta dimensão, respeita ao nível das crenças morais. Neste caso, quanto mais acreditam na validade das regras sociais, menos riscos apresentam de estar envolvidas em atos desviantes.

Em termos de investigação, vários estudos, mostram a importância do impacto positivo do apoio social na capacidade dos indivíduos serem resilientes (Manciaux, 2001; Margolin, & Gordis, 2000; Muckle, Dion, Daigneault, Ross, & McDuff, 2012). Mais especificamente, Margolin e Gordis (2000) definiram três fatores principais que permitem a resiliência: o suporte familiar (relação positiva com um dos dois pais), o suporte duma pessoa exterior à família e os atributos individuais da criança. Tajima, Herrenkohl, Moylan e Derr (2011), por outro lado, evidenciaram o efeito moderador da comunicação com os pares e da confiança nos pares na relação entre a exposição a violência interparental e a depressão ou a fuga de casa durante a adolescência.

1.5.2. Vinculação e vitimização da criança

A teoria da vinculação foi elaborada por John Bowlby (1969/1982) para explicar o funcionamento da relação pais-filhos. O autor sustenta que os humanos são programados para buscar e formar vínculos uns com os outros. Um sistema de vinculação bem elaborado permite à criança sentir-se segura. Segundo Bowlby (1969/1982), um bom sistema de vinculação ocorre quando os pais respondem de maneira apropriada às emoções e necessidades da criança. Segundo o autor, a vinculação é diretamente ligada à representação interna que a criança tem dela própria enquanto figura que merece o amor ou não.

No contexto da exposição à violência doméstica ou aos maus-tratos, a criança encontra-se de maneira repetitiva em frente de experiências de vinculação negativas. Nesse sentido, a investigação tem evidenciado que estas experiências têm consequências negativas para o desenvolvimento dos indivíduos. Por exemplo, Guédeney et al. (2013), mostram que as crianças que foram submetidas a violência antes dos 6 anos têm maiores riscos de apresentar desordens psicopatológicas. Macfie (2008) explica que a exposição precoce a violência conjugal pode causar a inversão do papel parental, ou seja a criança desenvolve um comportamento de hipervigilância no objetivo de responder às necessidades dos pais enquanto deveria ser o inverso. Esta situação tem como consequência na criança; problemas na autonomia, problemas na regulação das emoções, sentimento de vazio e uma forte sensibilidade ao stress provocado pela desorganização.

A vitimização da criança, assim como a sua exposição a violência conjugal, enfraquece a vinculação aos pais (Pedroso, 2014; Sousa et al., 2011). Além disso, a exposição à violência conjugal aumenta a necessidade da criança de vinculação aos pais. Contudo, o reforço dos vínculos entre pais e filhos na adolescência pode não ser suficiente para impedir o impacto negativo do traumatismo de violência na criança (Sousa et al., 2011).

No inverso, Sousa et al. (2011) verificam também que uma vinculação segura aos pais enfraquece o risco de desenvolver comportamento antissocial.

Mais especificamente, Tânia Pedroso (2014), evidencia que uma fraca vinculação aos pais aumenta a probabilidade de perpretação e de vitimização nas relações amorosas na idade adulta. Este vínculo pode ser explicado por três fatores: a ansiedade de separação do perpetrador, a desconfiança do parceiro e a fraca autoestima (Buck, Leenars, Emmelkamp, & Marle, 2012).

1.5.3. Autoconceito e relação com os pais

Vaz Serra (1988, p. 101), define o autoconceito como a «perceção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, devido a isso, forma de si». É também o produto dos julgamentos que a pessoa faz acerca de si própria.

A construção do autoconceito efetua-se à medida que a criança cresce experienciando e observando as reações dos outros à sua pessoa (Vaz Serra, 1988). O autor define quatro tipos de características que participam na construção do autoconceito: o modo como as outras pessoas Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

observam o indivíduo; a noção que o indivíduo possui das suas competências em situações específicas; o confronto entre o comportamento pessoal e o dos pares sociais com quem se reconhece; e os valores normativos veiculados pelo grupo de pertença do indivíduo.

Vários estudos revelaram a importância da influência da relação pais-filhos sobre o autoconceito da criança. Um bom autoconceito relaciona-se com uma boa atmosfera familiar e uma relação positiva com os pais (Cruz, 2000; Silva, 2009; Simões, Matos, Ferreira, & Tomé, 2010; Vaz Serra, 1988). Contudo, o impacto da interação com os pais, na elaboração do autoconceito, depende da percepção dessa interação pelos filhos (Cruz, 2000). Em 2002, num estudo comparativo entre o autoconceito das crianças de famílias intactas e maltratadas, os autores Manjarrez e Nava mostraram que as crianças de famílias intactas têm uma percepção de si mais positiva, já que se definem como honestas, limpas, ativas, sinceras e boas do que as crianças maltratadas. Acrescentaram que uma criança aceite pelos pais, amada e que se desenvolve num contexto adequado possui um autoconceito positivo e uma autoestima elevada. Nesta mesma ideia, Martins (2005) escreve que a formação do autoconceito é um fenómeno com uma forte componente interpessoal, sabendo que não é apenas influenciada por pensamentos, sentimentos e ações do próprio indivíduo, mas também pelos parceiros sociais. Acrescenta que é através do feedback social que o indivíduo procura a confirmação para o seu autoconceito.

Tomando em conta o impacto significativo da relação com os pais no desenvolvimento do autoconceito das crianças, podemos assumir que uma má relação tem um impacto negativo sobre esse desenvolvimento. Isto foi verificado por Martins em 2005, constatando que o autoconceito se encontra correlacionado negativamente com a violência parental. Com efeito, parece que a culpabilidade sentida pela criança acerca da violência parental tem um importante impacto negativo no desenvolvimento do seu autoconceito. A maioria das crianças expostas a violência parental apresenta múltiplas desordens, incluindo problemas de saúde física, problemas de conduta, baixo autoconceito e autoestima, medo, ansiedade e isolamento social. Assim, considera-se que uma família violenta é um ambiente inadequado para a ocorrência de um desenvolvimento adequado.

O estudo de Simões, Matos, Ferreira e Tomé (2010) mostrou que os recursos na família e o autoconceito apresentam efeitos moderadores do impacto das vivências de vida negativas no bem-estar geral. O efeito principal do autoconceito mostrou que os adolescentes com níveis mais elevados do autoconceito tendem a apresentar valores mais elevados de bem-estar, comparativamente com os adolescentes que referiram níveis mais baixos do autoconceito. O autoconceito revela ser um verdadeiro fator de resiliência, dado que se associa a níveis de bem-estar em adolescentes que vivem adversidades diversas (Simões et al., 2010). Neste mesmo sentido, Silva (2009) conseguiu mostrar que um alto nível de autoconceito revela traços resilientes que reforçam a presença de competências sociais e cognitivas nos jovens.

1.5.4. Autoestima e resiliência

A autoestima, observada por Rosenberg (1965), é uma atitude positiva ou negativa em relação ao objeto específico representado pelo Ego. A característica própria da autoestima é que se define de forma individual sem implicar uma verdadeira comparação aos outros. Portanto, um alto nível de autoestima não significa que o indivíduo pensa que está “muito bem” ou que é superior aos outros, mas significa que está “bastante satisfeito” com o seu Ego.

Num primeiro tempo, a baixa autoestima é positivamente relacionada com os comportamentos antissociais e a delinquência (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005). O grupo delinquente tende a apresentar níveis mais baixos de autoestima (quando comparados com o grupo não delinquente). Do mesmo modo, os indivíduos com baixa autoestima eram mais propensos a se envolver em comportamentos antissociais. Neste mesmo sentido, O’Keefe (1998) mostrou que os rapazes que reproduzem na relação de namoro a violência vivida durante a infância, tendem a apresentar baixa autoestima.

Numa revisão da literatura sobre o tema da violência na intimidade juvenil, Caridade e Machado (2006), propõem uma explicação para esta relação. Por um lado, este vínculo pode ser explicado pelo facto de uma baixa autoestima enfraquecer os vínculos sociais do indivíduo (Rosenberg, 1965) o que, segundo a teoria do vínculo social, diminui a conformidade às normas sociais e aumenta a delinquência (Hirschi, 1969). Rosenberg (1965) desenvolveu a ideia segundo a qual a extrema indiferença por parte dos pais se tende a associar a baixa autoestima na criança. No sentido inverso, um vínculo afetivo positivo com o adulto permite à criança construir uma autoestima positiva (Louis, 2017). Além disso, esta negligência parental parece ser mais prejudicial para a criança do que os comportamentos punitivos. O sentimento de se sentir importante para um outro significativo é, provavelmente, essencial para o desenvolvimento de um sentimento de autoestima. A vinculação aos pais é necessária à elaboração das bases de um desenvolvimento saudável da autoestima das crianças (Bowlby, 1969). Louis (2017) acrescenta explicando que a figura parental tem o papel de ajudar a criança a desenvolver a autoconfiança e autoestima, por exemplo, em frente da adversidade, valorizar a criança afirmando que tem a capacidade de fazer as boas escolhas para ele próprio.

Além de ter influência nos comportamentos dos indivíduos, o nível de autoestima interfere sobre as capacidades de resiliência deles. Com efeito, foi mostrado que a autoestima e a capacidade do adolescente a procurar ajuda na sua comunidade são associados a menos destreza psicológica, ou seja mais resiliência (Muckle, Dion, Daigneault, Ross & McDuff, 2012). A autoestima mostrou-se como a influência mais significativa dos indivíduos que exprimem uma maior resiliência em contexto de maus-tratos. Os resultados do estudo explicam este vínculo com

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

o efeito moderador que um alto nível de autoestima exerce no stress gerado pelos eventos de vida traumatizantes. No mesmo sentido, Lewis e Fremouw (2001) evidenciam como uma pessoa com uma autoavaliação negativa tende a exprimir uma maior dificuldade na afirmação de si, menores competências sociais e maiores dificuldades na resolução de problemas durante um conflito. O resultado destas dificuldades pode ser a vulnerabilidade e a vitimização ou a perpetração de comportamentos agressivos.

1.5.5. Narcisismo vulnerável e agressividade

O narcisismo pode ser definido como uma visão da superioridade pessoal, baixa empatia acerca dos outros, fantasias de grandeza pessoal, crença, segunda a qual, os outros não são capazes de o perceber. O narcisismo é também vinculado a alta, mas instável, autoestima (Baumeister, Bushman, & Campbell, 2000).

Ao longo dos anos, foi elaborada uma organização para o narcisismo patológico que se divide em narcisismo grandioso e narcisismo vulnerável (Dickinson & Pincus, 2003; Gabbard, 1989). As pessoas com narcisismo grandioso revelam-se arrogantes e exibicionistas, nunca mostrando as fraquezas, falando muito positivamente de si e negando qualquer stress emocional ou interpessoal. O narcisismo vulnerável define-se, ao contrário, por uma fraca autoestima, um sentimento de vergonha (Arble, 2008), uma falta de confiança na capacidade em iniciar e manter relações sociais, o que acaba por se manifestar num comportamento de evitamento social (Dickinson & Pincus, 2003). Em relação com a personalidade, o narcisismo vulnerável apresenta perfis associados a baixa amabilidade, baixa conscienciosidade e elevado neuroticíssimo (Pereira, 2015).

No estudo de Baumeister, Smart e Boden (1996) verifica-se que os indivíduos violentos tendem a ter uma visão de si como superiores, aproximando-os de um perfil narcísico grandioso. Contudo, em 2015, Talbot, Babineau e Bergheul revelam que o narcisismo vulnerável e a instabilidade da autoestima representam variáveis significativamente vinculadas à agressão. Estas variáveis, por outras palavras, parecem ser fatores psicológicos fortemente relacionados com a agressão, sobretudo em homens envolvidos em violência conjugal. Além disso, o narcisismo vulnerável revela ser um maior preditor do estilo de vinculação no namoro que o narcisismo grandioso. Por exemplo, um alto nível de narcisismo vulnerável induz um estilo de vinculação ansioso (Rohmann, Neumann, Herner, & Bierhoff, 2012). Portanto, o nosso estudo focará exclusivamente o narcisismo vulnerável.

II. Objetivos e hipóteses

De acordo com os estudos anteriores, elaboramos os objetivos e hipóteses seguintes:

Objetivos:

1. Mostrar o impacto da violência vivida na infância no envolvimento em comportamentos de violência conjugal na idade adulta.
2. Identificar a relação entre as características do indivíduo e a capacidade de resiliência.
3. Perceber os efeitos moderadores ou preditivos das características individuais e ambientais na reprodução da violência vivida na infância, no contexto conjugal na idade adulta.

Hipóteses:

Hipótese 1 – Os participantes vítimas de violência durante a infância (CTQ-SF) estão mais propensos a estar envolvidos em relações de namoro violentas (IVC), seja enquanto perpetrador ou vítima;

Hipótese 2 - As variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido, devem estar positivamente correlacionadas com a capacidade de resiliência (Escala de Resiliência);

Hipótese 3 – A variável narcisismo deverá correlacionar-se negativamente com a capacidade de resiliência (Escala de Resiliência);

Hipótese 4 - As variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido, deverão ter um poder preditivo em relação à capacidade de resiliência (Escala de Resiliência);

Hipótese 5 – A variável narcisismo, deverá ter um poder preditivo negativo em relação à capacidade de resiliência (Escala de Resiliência);

Hipótese 6 – As variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais e suporte social percebido deverão ter um efeito de moderação na reprodução da violência vivida durante a infância, num contexto de namoro na idade adulta.

Hipótese 7 – A variável narcisismo deverá ter um efeito de risco na reprodução da violência vivida durante a infância, num contexto de namoro na idade adulta.

III. Metodologia

3.1. Participantes

A Tabela 1 sumaria as principais características sociodemográficas dos participantes. A amostra é constituída por 263 sujeitos, incluindo 216 mulheres (82.1%) e 47 homens (17.9%), com idades compreendidas entre 16 e 69 anos (M=24.3; DP=6.9).

Em relação à nacionalidade sublinhamos que na categoria “Outra” se encontram as seguintes nacionalidades: francesa, suíça e venezuelana. O estado civil dos participantes evidencia que a categoria “solteiro(a)” é a mais representada da amostra geral, com 231 indivíduos (87.8%).

Os dados recolhidos em relação ao “curso frequentado” foram classificados em 14 categorias com base nas áreas de ensino da Universidade de Coimbra.

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra (N=263)

	[Mín – Máx]	M (DP)
Idade (anos)	[16-69]	24.3(6.9)
Escolaridade (anos)	[2-19]	14.7(2.7)
		n (%)
Sexo	Feminino	216 (82.1)
	Masculino	27 (17.9)
Nacionalidade	Portuguesa	219 (83.3)
	Brasileira	36 (13.7)
	Outra	8 (3)
Estado Civil	Solteiro(a)	231 (87.8)
	Casado(a)	17 (6.5)
	União de facto	17 (6.5)
	Divorciado(a) ou Separado(a)	3 (1.1)
Situação laboral	Estudante	170 (64.6)
	Trabalhador-estudante	41 (15.6)

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

	Empregado	34 (13)
	Desempregado	13 (4.9)
	Freelance	3 (1.1)
	Reformado/Pensionista	2 (0.8)
Curso frequentado	Psicologia	73 (33)
	Ciências e tecnologia	56 (25.3)
	Letras	22 (9.9)
	Medicina	19 (8.6)
	Economia	15 (6.8)
	Direito	9 (4.1)
	Artes	8 (3.6)
	Ciência da educação	7 (3.2)
	Administração	4 (1.8)
	Outros serviços sociais	3 (1.4)
	Educação física	1 (0.4)
	História	2 (0.9)
	Agricultura	1 (0.4)
	Profissão da estética	1 (0.4)

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questionário sociodemográfico e clínico

O **Questionário Sociodemográfico e Clínico** (cf. Anexos) foi organizado para o presente estudo e é composto por três partes: a primeira parte relativa especificamente aos dados sociodemográficos (sexo, idade, nacionalidade, zona de residência, estado civil, escolaridade, situação laboral, instituição de ensino e curso frequentado) e a algumas características da relação familiar (com quem cresceu, com quem vive) ; a segunda parte relativa à perpetração e vitimização da violência no namoro e aos potenciais problemas vividos em consequência das relações amorosas; a terceira parte relativa às vivências de violência passadas durante a infância (testemunha e/ou vitimização da violência parental) e o seu caráter recorrente.

3.2.2. Violência conjugal: Inventário de Violência Conjugal

O **Inventário de Violência Conjugal** (IVC) foi elaborado por Machado, Matos e Gonçalves (2000) e tem como objetivo avaliar os comportamentos violentos, perpetrados ou de vitimização, em situação de relações conjugais.

É constituído de duas partes (A e B), ambas com 21 itens cada, referenciando-se à relação atual (Parte A) e às relações anteriores (Parte B). O sujeito deve indicar a frequência dos acontecimentos (nunca, uma única vez, mais do que uma vez) e se estes assumem o papel de agressor, de vítima ou ambos. É importante realçar que o instrumento Google Forms não permitiu a inclusão do item nº21 (“outros”) das partes A e B do IVC. Portanto, este item não foi analisado.

O IVC mede três categorias de comportamentos agressivos: o abuso físico, emocional e sexual.

A cotação efetua-se com uma leitura das respostas item-a-item. A perpetração ou a vitimização são identificadas num sujeito quando, pelo menos, um dos comportamentos é relatado pelo indivíduo (Machado et al., 2006).

Silva (2016), revela a boa fidelidade do instrumento ($\alpha=.929$), assim como das subescalas do instrumento: perpetração na relação atual ($\alpha=.900$); perpetração na relação passada ($\alpha=.851$); vitimização na relação atual ($\alpha=.926$); vitimização na relação passada ($\alpha=.917$).

3.2.3. Vivência de violência na infância: Questionário de Trauma na Infância – Versão breve

O **Questionário de Trauma na Infância – Versão breve** (CTQ-SF) (Bernstein et al., 2003) foi traduzido e adaptado ao português por Grassi-Oliveira et al. (2006). Mede os maus-tratos infantis em adolescentes e adultos, avaliando a exposição a situações de maus-tratos, ocorridas até aos 15 anos.

É composto por 28 itens classificáveis numa escala de cinco pontos (1-Nunca; 5-Sempre) do tipo Likert. Todos os itens respeitam esta cotação de 1 a 5, a exceção dos itens 2, 5, 7, 13, 19, 26 e 28 que são cotados de maneira invertida.

A cotação do CTQ-SF permite obter um indicador geral de exposição aos maus-tratos na infância, assim como a exposição a cinco tipos de maus-tratos: abuso emocional; abuso físico; abuso sexual; negligência física; negligência emocional.

Cada umas das subescalas apresentam uma consistência interna aceitável ($\alpha=.71$; $-.84$), com exceção da subescala de negligência física ($\alpha=.47$) (Dias et al., 2013).

3.2.4. Resiliência: Escala de Resiliência

Os autores da **Escala de Resiliência** (Wagnild & Young, 1993), definem a resiliência como as crenças dos indivíduos acerca das suas competências e aceitação de si mesmo e da vida de modo a promover a adaptação individual.

Foi validada com estudantes do ensino superior (N=441) por Oliveira e Machado (2011) e tem por objetivo a avaliação das capacidades de adaptação do indivíduo em situações adversas. É composta por 25 itens, cotados numa escala do tipo Likert de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente), distribuídos por cinco subescalas: competência pessoal; autodisciplina; autonomia; resolução de problemas; otimismo. O valor global desta escala fornece o nível de resiliência do indivíduo que pode ser classificado como reduzido, moderado ou elevado.

Apresenta boa consistência interna com um α de .98 (Oliveira & Machado, 2011).

3.2.5. Fatores de proteção: Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido, Inventário Clínico de Autoconceito, Escala de Autoestima, Escala de Narcisismo Hipersensível e Inventário de Vinculação aos Pais e Pares

A **Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido** (MSPSS) foi desenvolvida por Zimet, Dahlem, Zimet e Farley (1988), com o objetivo de avaliar o suporte social fornecido pela família, amigos e outros significativos. É composta por 12 itens dos quais 4 avaliam o suporte social percebido da família (subescala F), 4 o suporte percebido dos amigos (subescala A) e os restantes o suporte percebido de outros significativos (subescala OS).

A pontuação de cada item é feita numa escala do tipo Likert de 7 pontos variando de 1 (Discordo completamente) a 7 (Concordo completamente). A cotação permite obter o valor total de suporte social percebido assim como o valor de suporte social percebido em cada umas das subescalas (F, A e OS).

As características psicométricas da MSPSS foram validadas para a população portuguesa por Carvalho, Pinto-Gouveia, Pimentel, Maia e Mota-Pereira (2011). A escala foi estudada com um grupo de estudantes (N=454), um grupo da população geral (N=261) e um grupo de doentes com depressão major (M=100). Apresentou uma boa consistência interna entre .85 e .95, assim como uma adequada validade de constructo e estabilidade temporal (teste-reteste entre .40 e .91).

O **Inventário Clínico de Autoconceito** (ICAC) foi construído por Adriano Vaz-Serra (1988) com o objetivo de medir a autoperceção do indivíduo, também chamada de autoconceito.

Pode ser aplicado a partir dos 15 anos e organiza-se em torno de 20 itens e 4 subescalas: aceitação/rejeição social (F1); autoeficácia (F2); maturidade psicológica (F3); e impulsividade-atividade (F4). Os itens são cotados numa escala do tipo Likert de 5 pontos (variando de 1-Não concordo a 5-Concordo muitíssimo). Quanto mais alta for a pontuação obtida melhor se encontra Características do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

o autoconceito. Os itens redigidos na negativa devem ser cotados de forma inversa (itens 3, 12, 18).

Segundo o autor, o ICAC apresenta boa consistência interna ($\alpha=.791$) assim como uma boa validade de constructo ($\alpha=.466$) (Vaz Serra, 1988).

A **Escala de Autoestima** (EAO) foi originalmente construída por Rosenberg em 1965 (*Rosenberg Self-Esteem Scale*) de modo a analisar a autoestima em adolescentes e adultos. A adaptação para a população portuguesa foi efetuada por Santos e Maia em 2003 e constitui-se hoje como um dos instrumentos mais utilizados para a avaliação da autoestima global (Romano, Negreiros, & Martins, 2007).

A Escala de Autoestima de Rosenberg é uma escala de autorresposta constituída de 10 itens focados nos sentimentos de respeito e aceitação de si próprio. As respostas oscilam numa escala do tipo Likert de 4 pontos (entre 0-Discordo fortemente; e 3-Concordo fortemente). A cotação final oscila entre 0 e 30, sendo que metade dos itens têm cotação inversa (itens 2, 5, 6, 8, 9).

O instrumento foi validado com estudantes portugueses do ensino superior em 2008 por Santos. Baseando-se numa amostra de 212 estudantes, evidenciou características psicométricas globalmente aceitáveis, indicando uma consistência interna satisfatória ($\alpha=.82$) (Santos, 2008).

A **Escala de Narcisismo Hipersensível** (HSNS) permite avaliar a parte da hipersensibilidade e da vulnerabilidade associada ao narcisismo, incluindo dois fatores: egocentrismo (fator 1) e hipersensibilidade ao julgamento (fator 2).

A versão original (*The Hypersensitive Narcissism Scale*, Hendin & Cheek, 1997) conta 10 itens cotados segundo um formato de resposta do tipo Likert de 5 pontos (1-Nada verdadeiro para mim; 5-Muito verdadeiro para mim).

Em 2019, os autores Pereira e Paixão efetuam uma revisão da estrutura fatorial da versão portuguesa do instrumento apoiando-se numa amostra de 273 sujeitos. Excluem os itens 1 e 6 da versão original. No questionário online foi utilizada esta versão de oito itens.

O **Inventário de Vinculação aos Pais e Pares** (IPPA) avalia as perceções dos adolescentes acerca da dimensão cognitiva e afetiva no relacionamento com os pais e colegas.

A versão original, *Inventory of Parent and Peer Attachment*, foi elaborada por Armsden e Greenberg (1987). Apresenta três versões que permitem avaliar a vinculação do indivíduo com os Pais, os Amigos e os Professores. Cada uma destas versões é constituída por 25 itens cotados segundo uma escala de tipo Likert de 5 pontos (1-nunca/5-sempre).

Neste estudo, utilizou-se apenas a versão Pais. Esta versão é composta por três dimensões: comunicação e proximidade afetiva, aceitação mútua e compreensão, assim como afastamento e rejeição.

Os resultados permitem indicar o nível de segurança percebida pelos sujeitos na relação com os pais. Os resultados abaixo da mediana representam uma vinculação insegura e os resultados em cima da mediana uma vinculação mais segura.

Machado e Oliveira (2007) adaptaram a versão Pais da escala aos adolescentes portugueses uma amostra de 656 sujeitos. Segundo os autores, o instrumento mostra qualidades psicométricas aceitáveis para a população portuguesa, apresentando uma consistência interna significativa ($\alpha=.87$).

3.3. Procedimentos

A recolha da amostra foi realizada online através da plataforma *Google Forms*. O questionário foi partilhado através do Facebook e do contacto direto através do correio eletrónico. A apresentação dos questionários foi precedida por um texto explicativo dos objetivos do estudo, incluindo a condição de participação, isto é, de já terem vivido, no mínimo, uma relação amorosa na sua vida e a duração do preenchimento do questionário (de 15 e 20 minutos). A recolha durou cerca de 4 meses entre janeiro e abril de 2020.

Os estudos estatísticos incluíram os testes de normalidade (Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk) no sentido de verificar se a amostra apresentava uma distribuição normal, o que não se verificou. Neste sentido, foram realizados testes não paramétricos; correlações de Spearman entre os totais das escalas CTQ e IVC, correlações de Spearman entre a resiliência (Escala de Resiliência) e as dimensões autoestima (EAO), autoconceito (ICAC), vinculação aos pais (IPPA), suporte social percebido (MSPSS), narcisismo (HSNS).

A seguir, realizaram-se testes de moderação com o objetivo de avaliar o impacto da interação entre o CTQ e as características do sujeito (EAO, ICAC, IPPA, MSPSS, HSNS) na violência no namoro. Foi ainda testado um modelo de regressão linear múltipla ligando a Escala da Resiliência às dimensões avaliadas pelas escalas EAO, ICAC, IPPA, MSPSS e HSNS. Por fim, a elaboração duma regressão logística múltipla binária permitiu relacionar as variáveis dependentes quantitativas, autoestima (EAO), autoconceito (ICAC), vinculação aos pais (IPPA), suporte social percebido (MSPSS), narcisismo (HSNS) e maus-tratos na infância (CTQ-SF) à variável independente qualitativa, violência no namoro (IVC).

As análises estatísticas foram realizadas no programa informático *Statistic Package for Social Sciences* (SPSS), versão 25 Para *Windows* e incluíram análises descritivas para conhecer as

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

médias, os desvios padrões, as frequências e as percentagens. Os valores obtidos foram considerados significativos sempre que inferiores a .05.

IV. Resultados

4.1. Análises descritivas do Inquérito Sociodemográfico

Um questionário de escolha múltipla permitiu aos sujeitos indicar a figura parental com quem cresceram e o tipo de residência onde moram atualmente (Tabela 2). A seguir, a Tabela 3 apresenta os resultados em relação aos problemas pessoais, psicológicos, físicos e/ou sociais vividos em consequências duma relação amorosa. Identificamos a ansiedade (49.8%) e os problemas de autoconfiança (57.8%) como os mais recorrentes e os problemas físicos (3.4%) e alimentares (9.9%) como os menos frequentes. Os resultados não apresentam diferenças significativas entre sexos. Por fim, apenas 9.9% dos participantes indicaram não ter tido problemas ligados a uma relação de namoro.

Tabela 2. Distribuição dos sujeitos em função da figura parental com quem cresceram (frequência e percentagem) e em função do tipo de residência (frequência e percentagem)

	n (%)
Figura Parental com que cresceu	
Pais	249 (94.7)
Avós	4 (1.5)
Tios	2 (0.8)
Outros	8 (3)
Tipo de residência	
De familiares	149 (56.7)
Própria	46 (17.5)
Alugada	67 (25.5)
República	1 (0.4)

Tabela 3. Distribuição dos problemas indicados como vividos em consequência de uma relação amorosa (N=263)

	Feminino n (%)	Masculino n (%)	Total n (%)
Isolamento	63 (24)	15 (5.7)	78 (29.7)
Comportamentos sexuais de risco	38 (14.5)	10 (3.8)	48 (18.3)
Problemas familiares	34 (12.9)	9 (3.4)	43 (16.3)
Depressão	36 (13.7)	15 (5.7)	51 (19.4)
Problemas alimentares	22 (8.4)	4 (1.5)	26 (9.9)
Problemas de autoconfiança	108 (41.1)	23 (8.8)	131 (49.8)
Problemas de desconfiança no outro	90 (34.2)	23 (8.8)	113 (43)
Perda de autonomia	32 (12.2)	12 (4.6)	44 (16.7)
Problemas de bem-estar psicológico	58 (22.1)	15 (5.7)	73 (27.8)
Problemas físicos	8 (3)	1 (0.4)	9 (3.4)
Perda de liberdade	43 (16.4)	8 (3)	51 (19.4)
Ansiedade	126 (47.9)	26 (9.9)	152 (57.8)
Nenhuns	23 (8.8)	3 (1.1)	26 (9.9)

Na Tabela 4 apresentamos a distribuição dos sujeitos em função dos maus-tratos vividos durante a infância e do seu próprio envolvimento na violência conjugal na vida adulta. Estes resultados revelam que 33.5% dos participantes foram testemunhos de violência entre os pais, 28.1% foram vítimas de violência parental e 20.5% estiveram envolvidos em relações de namoro violentas, como perpetradores ou vítimas. É interessante salientar, no entanto, que a maioria dos respondentes (79.5%) nunca estiveram envolvidos em relações amorosas violentas.

Tabela 4. Distribuição dos sujeitos em função da exposição ou vitimização a violência parental durante a infância e do envolvimento na violência conjugal (N=263)

	Feminino n (%)	Masculino n (%)	Total n (%)
Maus-tratos na infância			
Testemunha da violência interparental	73 (27.7)	15 (5.7)	88 (33.5)
Testemunha da violência interparental de maneira recorrente	29 (11)	7 (2.7)	36 (13.7)
Vitimização da violência parental	57 (21.7)	17 (6.5)	74 (28.1)
Vitimização da violência parental recorrentemente	27 (10.3)	3 (1.1)	30 (11.4)
Violência conjugal			
Perpetrador de violência conjugal	4 (1.5)	2 (4.3)	6 (2.3)
Vítima de violência conjugal	49 (18.6)	4 (1.5)	53 (20.2)
Envolvimento global	50 (19.1)	4 (1.5)	54 (20.5)
Nunca envolvido	166 (63)	43 (16.4)	209 (79.5)

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

4.2. Análises descritivas das variáveis em estudo

A Tabela 5 apresenta as médias, desvios-padrão, mínimo e máximo dos instrumentos utilizados e das suas dimensões. As frequências e percentagens dos resultados do Inventário de Violência Conjugal aparecem na Tabela 6.

Tabela 5. Análises descritivas dos instrumentos (médias e desvios-padrão) (N=263)

	Min.-Máx.	M (DP)
CTQ-SF		
Abuso emocional	5-25	8.8 (4.6)
Abuso físico	5-18	5.9 (2.2)
Abuso sexual	5-15	5.3 (1.4)
Negligência física	5-18	6.1 (2.2)
Negligência emocional	5-24	9.7 (4.3)
Total	25-82	35.8 (11.7)
Escala de Resiliência		
Competência pessoal	19-63	8.3 (4.6)
Autodisciplina	15-42	33.4 (4.9)
Autonomia	12-28	23.2 (2.9)
Resolução de problemas	9-21	17.6 (2.3)
Otimismo	3-21	11.1 (3.7)
Escala de Resiliência (Total)	71-169	134.1 (17.1)
Escala de Autoestima		
Escala de Autoestima (Total)	2-30	20 (5.8)
ICAC		
Aceitação/rejeição social (F1)	9-25	18.9 (3.3)
Autoeficácia (F2)	7-30	22.2 (4)
Maturidade psicológica (F3)	8-20	16.1 (2)
Impulsividade-atividade (F4)	5-15	12.2 (1.8)
ICAC (Total)	40-89	69.4 (8.4)
HSNS		
Egocentrismo	4-20	7.3 (3.2)
Hipersensibilidade ao julgamento	4-20	12.2 (4.1)
HSNS (Total)	8-37	19.5 (6.1)
IPPA		
Comunicação e proximidade afetiva	12-60	42.3 (11.9)
Aceitação mútua e compreensão	7-30	24.1 (4.7)

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Afastamento e rejeição	7-34	17.9 (6.1)
IPPA (Total)	47-103	84.3 (11.6)
MSPSS		
Família	1-7	5.7 (1.4)
Amigos	1-7	5.9 (1.3)
Outros significativos	1-7	6.2 (1.1)
MSPSS (Total)	1-7	5.9 (1)

Tabela 6. Distribuição dos sujeitos nas subescalas do IVC (frequência e percentagem) (N=263)

	N	%
Perpretação atual	28	10.7
Perpretação passada	45	17.1
Vitimização atual	28	10.7
Vitimização passada	76	28.9
Perpretação global	63	23.9
Vitimização global	90	34.2
Nem vitimização nem perpretação	151	57.4

Nota: Os valores N reportam o número de pessoas que revelaram a realização ou a vivência de, no mínimo, um dos comportamentos violentos.

4.3. Análises correlacionais

A Tabela 7 apresenta as correlações entre as diferentes variáveis em estudo, na sequência da nossa Hipótese 1: os participantes vítimas de violência durante a infância (CTQ-SF) apresentam uma propensão para se envolverem em relações de namoro violentas (IVC), enquanto perpetradores ou enquanto vítimas.

Tabela 7. Coeficientes de correlações de Spearman entre os maus-tratos durante a infância (CTQ) e a violência conjugal (IVC) (N=263)

	Violência conjugal geral (IVC)	Perpretação (IVC)	Vitimização (IVC)
Maus-tratos gerais	.247***	.194**	.208**
Abuso emocional	.337***	.264***	.284***
Abuso físico	.213**	.182**	.150*

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Abuso sexual	.073	-.069	.136*
Negligência emocional	.127*	.098	.083
Negligência física	.181**	.105	.159**

* p<.05; ** p<.01; *** p<.001

A hipótese 2, que pressupõe a correlação positiva entre as variáveis de proteção (autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido) e a resiliência (Escala de Resiliência) e a hipótese 3, que assume a correlação negativa entre a variável de risco (narcisismo) e a resiliência (Escala de Resiliência) são exploradas na Tabela 8.

Tabela 8. Coeficientes de correlações de Spearman entre a resiliência (Escala de Resiliência) e as características dos participantes (EAO, ICAC, HSNS, IPPA, MSPSS) (N=263)

	Autoestima	Autoconceito	Narcisismo	Vinculação aos pais	Suporte social percebido
Resiliência	.606***	.649***	-.343***	.206**	.369***
Competência pessoal	.709***	.661***	-.427***	.212**	.402***
Autodisciplina	.415***	.538***	-.163**	.253***	.353***
Autonomia	.301***	.436***	-.142*	.117	.190**
Resolução de problemas	.059	.342***	-.036	.065	.071
Otimismo	.360***	.232***	-.282***	-.021	.095

* p<.05; ** p<.01; *** p<.001

4.4. Regressões

A Tabela 9 refere-se às hipóteses 4 e 5 que avaliam a predição das variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido e narcisismo na capacidade de resiliência.

Tabela 9. Regressão linear múltipla entre a resiliência e as variáveis vinculação aos pais (IPPA), autoestima (EAO), suporte social percebido (MSPSS), narcisismo (HSNS) e autoconceito (ICAC) (N=263)

	B	t	Sig.
IPPA	-.061	-1.233	.219
EAO	.319***	5.813	.000
MSPSS	.121*	2.194	.029
HSNS	-.063	-1.407	.161
ICAC	.483***	9.164	.000

$R^2 = .599$; $R^2_a = .589$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

De acordo com as nossas hipóteses 6 e 7¹, foi realizada um teste de moderação com os maus-tratos na infância (CTQ) e as características individuais e ambientais do sujeito (IPPA, EAO, MSPSS, HSNS, ICAC) enquanto variáveis independentes e a violência conjugal (IVC) enquanto variável dependente (Tabela 10).

Tabela 10. Efeito de moderação na relação entre os maus-tratos durante a infância (CTQ) e a violência conjugal (IVC)

	Coef.	SE	z	p
IPPA_CTQ	.0006	.0015	.4222	.6729
EAO_CTQ	.0022	.0024	.8882	.3745
MSPSS_CTQ	.0229*	.0117	1.9670	.0492
HSNS_CTQ	-.0009	.0027	-.3123	.7548
ICAC_CTQ	.0018	.0015	1.1901	.2340

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

A seguir, foi realizada uma regressão logística múltipla binária (Tabela 11) ligando os resultados das variáveis independentes: resiliência, maus-tratos durante a infância (CTQ), vinculação aos pais (IPPA), autoestima (EAO), autoconceito (ICAC), narcisismo (HSNS) e suporte social percebido (MSPSS) à variável dependente: violência no namoro (IVC).

¹ Respetivamente: “as variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais e suporte social percebido deverão ter um efeito de moderação na reprodução da violência vivida durante a infância, num contexto de namoro na idade adulta.”; e “a variável narcisismo deverá ter um efeito de risco na reprodução da violência vivida durante a infância, num contexto de namoro na idade adulta.”.

Tabela 11. Regressão logística múltipla binária entre a violência conjugal (IVC) e as variáveis maus-tratos durante a infância (CTQ), resiliência (Escala de Resiliência), vinculação aos pais (IPPA), autoestima (EAO), autoconceito (ICAC), narcisismo (HSNS) e suporte social percebido (MSPSS) (N=263)

	B	SE	Wald	Sig.	Exp(B)
Resiliência	-.013	.012	1.128	.288	.987
CTQ	.060**	.020	9.232	.002	1.061
EAO	-.020	.033	.345	.557	.981
ICAC	-.006	.022	.085	.771	.994
HSNS	.024	.025	.925	.336	1.024
IPPA	-.011	.018	.346	.557	.989
MSPSS	.226	.181	1.567	.211	1.254
Constant	-1.442	2.224	.420	.517	

R² = .08; * p<.05; ** p<.01; *** p<.001

V. Discussão

O presente estudo pretendeu analisar o vínculo entre os maus-tratos durante a infância e a violência conjugal na idade adulta, assim como os potenciais fatores de predição na capacidade de resiliência e os fatores de moderação na reprodução da violência.

Em termos de resultados, devemos realçar em primeiro lugar o forte desequilíbrio da amostra em relação ao sexo, havendo uma grande maioria de participantes do sexo feminino (82.1%) comparativamente com os do sexo masculino (17.9%). Este desequilíbrio mostra-se também importante no estado civil dos participantes, com 87.8% da amostra a indicar estar solteira.

Comparando as respostas do questionário sobre o envolvimento em relações conjugais violentas (Tabela 4) e os resultados ao IVC (Tabela 6), observamos que no questionário apenas 2.3% referem já ter infligido violência ao cônjuge, enquanto o IVC distingue 23.9% perpetradores numa relação passada ou atual. Em relação com a vitimização no contexto conjugal, os resultados apresentam-se próximos, com 20.2% no questionário e 34.2% no IVC.

O primeiro objetivo pretendeu analisar o impacto da violência vivida na infância no envolvimento em comportamentos de violência conjugal na idade adulta, enquanto perpetrador ou vítima. O cálculo da correlação de Spearman (Tabela 7) confirma a significância desta relação com o valor de .247 ($p < .001$). Os valores obtidos apresentam também uma associação entre a violência conjugal e o abuso emocional ($r = .337$; $p < .001$) e físico ($r = .213$; $p < .01$) na infância. Além destes resultados, a regressão logística múltipla binária (Tabela 11) revelou o aspeto preditivo dos maus-tratos vivido durante a infância, no envolvimento numa relação de namoro violenta ($B = .060$, $p < .01$, $R^2 = .08$). Isto quer dizer que as crianças vítimas de violência tendem a reproduzir a violência como perpetradores e/ou vítimas nas suas relações íntimas.

Relativamente ao segundo objetivo, procuramos analisar a relação entre as características dos sujeitos e a capacidade de resiliência. Através das correlações de Spearman (Tabela 8), foi verificado que a resiliência apresenta uma correlação significativamente positiva com as variáveis autoestima e autoconceito, com valores elevados ($r = .606$; $p < .001$ e $r = .649$; $p < .001$, respetivamente). A resiliência revela também correlações positivas mais fracas com as variáveis vinculação aos pais e suporte social percebido com valores moderados de .206 ($p < .01$) e .369 ($p < .001$). Mais especificamente, a resiliência tem dois fatores que apresentam uma correlação positiva com a autoestima, o autoconceito, a vinculação aos pais e o suporte social percebido, nomeadamente: a competência pessoal ($r = .709$; $p < .001$, $r = .661$; $p < .001$, $r = .212$; $p < .01$ e $r = .402$; $p < .001$, respetivamente) e a autodisciplina ($r = .415$; $p < .001$, $r = .538$; $p < .001$, $r = .253$; $p < .01$ e $r = .353$; $p < .001$, respetivamente). Por outro lado, a resiliência e o narcisismo, apresentam uma

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

relação estatisticamente significativa inversa com o valor moderado de -0.343 ($p < .001$). A variável narcisismo está de igual maneira significativamente correlacionada com os fatores da resiliência: competência pessoal ($r = -.427$; $p < .001$), autodisciplina ($r = -.163$; $p < .01$), autonomia ($r = -.142$; $p < .05$) e otimismo ($r = -.282$; $p < .001$) (Tabela 8).

A seguir, a regressão linear múltipla (Tabela 9) revelou a significância dos fatores autoestima e autoconceito com valores elevados ($B = .319$, $p < .001$; $B = .483$, $p < .001$, respectivamente), e suporte social percebido com valor um pouco mais baixo ($B = .121$, $p < .05$) ($R^2 = .599$). Os investigadores Pesce et al. (2004) relacionaram também maior nível de resiliência com autoestima mais elevada e maior apoio social.

Analisando os testes de moderação (Tabela 10), observamos que a única variável que apresenta um efeito moderador na interação entre os maus-tratos durante a infância e a violência no namoro é o suporte social percebido ($Y = .0229$, $p < .05$).

A regressão logística múltipla binária (Tabela 11) não permitiu estabelecer um papel preditivo das variáveis autoestima, autoconceito, vinculação aos pais, suporte social percebido, resiliência, e narcisismo no envolvimento dos indivíduos em relação conjugais violentas. Com efeito, o modelo de regressão obtido explica 8% da variância do envolvimento numa relação de namoro violenta.

Portanto, relativamente ao último objetivo, foi mostrado que apenas a variável suporte social percebido em interação com os maus-tratos na infância tem um papel moderador na reprodução da violência no seio do namoro, na idade adulta (Tabela 10). Contudo, a regressão logística falhou na evidenciação de fatores preditivos.

VI. Conclusões/Limitações

Numerosas investigações (Lichter & McCloskey, 2004; O’Keefe, 1998; Widom, Czaja, & Dutton, 2014; Wolfe, Scott, Wekerle, & Straatman, 2001) têm evidenciadas o vínculo direto entre a violência na idade adulta e os maus-tratos durante a infância mostrando que na maioria dos casos os indivíduos envolvidos em relações violentas foram vítimas de abuso enquanto criança. O presente estudo validou, mais uma vez, esta relação revelando os maus-tratos durante a infância como variável preditiva da violência conjugal.

No entanto, a nossa investigação focou mais o sentido inverso deste vínculo, isto é, a existência de fatores de moderação ou de predição relativos à reprodução da violência vivida na infância, na idade adulta. Nesse sentido, a noção de resiliência, como capacidade do indivíduo, vítima de abuso na infância, quebrar o ciclo da violência nas suas relações amorosas, foi introduzido neste estudo.

Num primeiro tempo, foi mostrada a coexistência da capacidade de resiliência do indivíduo e de um elevado nível de autoestima, autoconceito, vinculação aos pais e suporte social percebido, bem como de um baixo nível de narcisismo. Além disso, a autoestima, o autoconceito e o suporte social percebido revelaram ter um papel de predição na capacidade de resiliência dos indivíduos. Esses resultados corroboram a ideia desenvolvida por Louis (2017) segundo a qual a capacidade de resiliência depende de fontes internas (esforço, energia, inteligência) e ambientais, disponíveis na vida e que podem modificar a reação do indivíduo face à adversidade e aos consequentes efeitos negativos.

Num segundo tempo, as análises de regressões não permitiram identificar características do indivíduo com um papel preditivo na reprodução da violência. No entanto, o suporte social percebido pelos indivíduos revelou ser um fator de moderação na reprodução da violência vivida enquanto criança, no seio de uma relação de namoro na idade adulta.

Podemos concluir, portanto, que um elevado nível de autoestima e autoconceito são características individuais capazes de predizer uma maior capacidade de resiliência no sujeito. E que a percepção de um bom suporte social tem um papel de predição na capacidade de resiliência, moderando a reprodução da violência vivida enquanto criança, no contexto conjugal.

Limitações do estudo:

A amostra utilizada é reduzida e desequilibrada, tendo maioritariamente sujeitos femininos, estudantes e solteiros.

A utilização de questionários de autorresposta tende a evidenciar resultados enviesados por via da desejabilidade social, sendo isso mais sensível no caso do Inventário de Violência

Caraterísticas do indivíduo na relação entre os maus-tratos na infância e a violência conjugal na idade adulta

Conjugal onde os indivíduos devem revelar os comportamentos de perpretação e/ou de vitimização em contexto de intimidade amorosa.

Durante a revisão da literatura, constatámos que existem poucos estudos que analisam as caraterísticas pessoais e/ou ambientais com potenciais efeitos de proteção ou risco na reprodução da violência. Portanto, esperamos que esta investigação possa ter contribuído, de algum modo, para o desenvolvimento desses estudos.

Neste estudo foram escolhidas cinco caraterísticas do indivíduo afim de evitar um questionário demasiado pesado pelos respondentes. Contudo, para as investigações futuras, seria interessante explorar outras caraterísticas que podem ter um potencial impacto na reprodução da violência vivida na infância, na idade adulta. No que diz respeito as caraterísticas pessoais seria pertinente estudar o locus de controle, a capacidade de regulação das emoções, assim como a personalidade e a inteligência dos indivíduos. Além disso, a cultura poderia ter um impacto na capacidade de resiliência e na reprodução da violência sabendo que cada cultura tem as suas próprias crenças sobre a violência. Por fim, a adição de uma pergunta que permitiu saber se os participantes seguiram uma terapia poderia trazer informações suplementares na capacidade de resiliência dos indivíduos.

Bibliografia

- Associação portuguesa de apoio à vítima (2019). Relatório Anual 2018. https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2018.pdf
- Instituto Nacional de Estatísticas (2018). Lesadas/ os/ ofendidas/os identificadas/ os em crimes de violência doméstica contra o cônjuge ou análogo registados pela PSP e GNR por Sexo. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contecto=pi&indOcorrCod=0008156&selTab=tab0
- Arble, E. P. (2008). *Evaluating the psychometric properties of the hypersensitive narcissism scale: Implications for the distinction of covert and overt narcissism*. Thesis, Eastern Michigan University Department of Psychology, United States. <https://books.google.fr/books?id=b6KZAQAACAAJ>
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Relationships to well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Baumeister, R., Bushman, B., & Campbell, W. K. (2000). Self-Esteem, Narcissism, and Aggression Does Violence Result From Low Self-Esteem or From Threatened Egotism?. *Current Directions in Psychological Science*, 9, 26-29. doi: 10.1111/1467-8721.00053
- Baumeister, R. F., Smart, L., & Boden, J. M. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review*, 103(1), 5–33.
- Bernstein, D. P., & Fink, L. (1998). *Childhood Trauma Questionnaire: A retrospective self-report manual*. San Antonio: The Psychological Corporation.
- Bouchard, E. M., Tourigny, M., Joly, J., Hébert, M. & Cyr, M. (2008). Les conséquences à long terme de la violence sexuelle, physique et psychologique vécue pendant l'enfance. *Revue d'épidémiologie et de santé publique*, 56, 333-344. doi: 10.1016/j.respe.2008.06.260
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books.
- Buck, N., Leenars, E., Emmelkamp, P., & Marle, H. (2012). Explaining the Relationship Between Insecure Attachment and Partner Abuse: The Role of Personality. *Journal of interpersonal violence*, 27, 3149-70. doi: 10.1177/0886260512441258
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493. ISSN: 0870-8231
- Carvalho, S., Pinto-Gouveia, J., Pimentel, P., Maia, D., & Mota-Pereira, J. (2011). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support - MSPSS). *Psychologica*, (54), p. 331-357. doi: 10.14195/1647-8606_54_13

- Cruz, A. (2000). *Violência e suporte familiar, autoconceito e delinquência na adolescência: estudo exploratório numa amostra de adolescentes do ensino secundário*. Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Cyrulnik, B. (1999). *Un merveilleux malheur*. Paris : Odile Jacob.
- Dias, A., Sales, L., Carvalho, A., Castro-Vale, I., Kleber, R. & Mota-Cardoso, R. (2013). Estudo de propriedades psicométricas do Questionário de Trauma de Infância Versão breve numa amostra portuguesa não clínica. *Laboratório de Psicologia*, 11(2), 103-120.
- Dickinson, K. A., & Pincus, A. L. (2003). Interpersonal analysis of grandiose and vulnerable narcissism. *Journal of personality disorders*, 17(3), 188-207. <https://doi.org/10.1521/pedi.17.3.188.22146>
- Dixon, L., Browne, K. & Hamilton-Giachritsis, C. (2008). Patterns of Risk and Protective Factors in the Intergenerational Cycle of Maltreatment. *Journal of Family Violence*, 24, 111–122. doi:10.1007/s10896-008-9215-2
- Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T. & Caspi, A. (2005). Low Self-Esteem is related to Aggression, Antisocial Behavior, and Delinquency. *Psychological Science*, 16 (4), 328-335.
- Duarte, A. & Lima, M. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portuguesas. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Fergusson, D. M., Boden, J. M., & Horwood, L. J. (2008). Exposure to childhood sexual and physical abuse and adjustment in early adulthood. *Child abuse & neglect*, 32(6), 607–619. doi: 10.1016/j.chiabu.2006.12.018
- Fernet, M., Hamel, C., Rondeau, L. & Tremblay, P. H. (2003). *Amour, Violence et Jeunes : Aperçu de la situation*. Direction de la santé publique de Montréal. Projet relations amoureuses des jeunes. Disponible sur: http://activitetes.weebly.com/uploads/6/8/5/0/6850116/aperçu_situation_amour_violence.pdf [Consulté le 10/09/20].
- Gabbard G. O. (1989). Two subtypes of Narcissistic Personality Disorder. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 53(6), 527–532.
- Gómez, A. (2011). Testing the Cycle of Violence Hypothesis: Child Abuse and Adolescent Dating Violence as Predictors of Intimate Partner Violence in Young Adulthood. *Youth & Society*, 43(1), 171-192.
- Grassi-Oliveira, R., Stein, L. M., & Pezzi, J. C. (2006). Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. *Revista de Saúde Pública*, 40(2), 249-255.
- Guédénéy, N., Guédénéy, A. & Rabouam, C. (2013). Violences conjugales et attachement des jeunes enfants : Une revue de la littérature. *Perspectives Psy*, 52(3), 222-230. <https://doi.org/10.1051/ppsy/2013523222>
- Hendin, H.M., & Cheek, J.M. (1997). Assessing Hypersensitive Narcissism: A Re-examination of Murray's Narcissism Scale. *Journal of Research in Personality*, 31, 588-599.

- Hirschi, T. (1969). *Causes of Delinquency*. Berkeley: University of California Press.
- Jaffee, S. R., Caspi, A., Moffitt, T. E., Polo-Tomas, M., & Taylor, A. (2007). Individual, family, and neighborhood factors distinguish resilient from non-resilient maltreated children: A cumulative stressors model. *Child Abuse and Neglect*, *31*, 231-253.
- Jaspard, M., Brown, E., Lhomond, B., & Saurel-Cubizolles, M. (2003). Reproduction ou résilience : les situations vécues dans l'enfance ont-elles une incidence sur les violences subies par les femmes à l'âge adulte ?. *Revue française des affaires sociales*, *3*, 157-190. <https://doi.org/10.3917/rfas.033.0157>
- Lackey, C., & Williams, K. R. (1995). Social bonding and the cessation of partner violence across generations. *Journal of Marriage and the Family*, *57*(2), 295–305. <https://doi.org/10.2307/353684>
- Lecomte, J. (2002). *Briser le cycle de la violence : quand d'anciens enfants maltraités deviennent des parents non-maltraitants*. École Pratique des Hautes Études, Toulouse, France. <http://www.theses.fr/2002EPHEA001>
- Lemay, M., (2001). La résilience devant la violence. *Revue québécoise de psychologie*, *22*(1), 135-148.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical psychology review*, *21*(1), 105–127. [https://doi.org/10.1016/s0272-7358\(99\)00042-2](https://doi.org/10.1016/s0272-7358(99)00042-2)
- Lichter, E., & McCloskey, L. (2004). The Effects of Childhood Exposure to Marital Violence on Adolescent Gender-Role Beliefs and Dating Violence. *Psychology of Women Quarterly*, *28*, 344-357. doi: 10.1111/j.1471-6402.2004.00151.x
- Louis, R. (2017). *Activation du processus de résilience chez l'enfant exposé à la maltraitance*. Université de Montréal, Canada.
- Macfie J., Fitzpatrick K.L., Rivas E.M., Cox M.J. (2008). Independent influences upon mothertoddler role reversal: infant-mother attachment disorganization and role reversal in mother's childhood. *Attachment Human Development*, *10*, 30-39.
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. (2006). *Manual da Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e do Inventário Violência Conjugal (I.V.C.)*. (2ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portuguesas: O estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, *VI*(1), 97-115.
- Manciaux, M. (2001). La résilience : Un regard qui fait vivre. *Études*, tome 395(10), 321-330. <https://doi.org/10.3917/etu.954.0321>
- Manjarrez, A.E. & Nava, B. C. (2002). *Autoconceito e autoestima em crianças maltratadas e crianças de famílias intactas*. Disponível em https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0104&area=d4&subarea=d4A [Consultado em 10/09/20].
- Margolin, G., Gordis, E. B. (2000). The Effects of Family and Community Violence on Children. *Annual Review of Psychology*, *51* (1), 445-479.

- Martins, D. D. R. (2005). *Auto-conceito de crianças expostas à violência interpapental*. Universidade Fernando Pessoa, Portugal. <http://hdl.handle.net/10284/801>
- Matos, M., Machado, C., & Gonçalves, M. (2000). *Inventário de violência conjugal (IVC)*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Muckle, F., Dion, J., Daigneault, I., Ross, A., & McDuff, P. (2012). Influence de l'estime de soi, des qualités relationnelles papents-enfants, du soutien social et de l'agressión sexuelle sur la résilience auprès d'adolescents autochtones et caucasiens. *First Peoples Child & Family Review*, 7(1), 99–117. <https://doi.org/10.7202/1068868ar>
- O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interpapental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39-57.
- Oliveira, M. S. A. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.
- Oliveira, M. F., & Machado, T. S. (2011). Tradução e validação da Escala de Resiliência para Estudantes do Ensino Superior. *Análise Psicológica*, 29(4), 579-591.
- Pedroso, T. (2014). *A personalidade e a vinculação enquanto factores influentes na violência no namoro: estudos com jovens adultos*. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/26758>
- Pereira, C., & Paixão, R. (2019). *Estrutura Fatorial da Versão Portuguesa da Escala de Narcisismo Hipersensível*. 53. doi: 10.21865/RIDEP53.4.02
- Pereira, C. (2015). *Satisfação sexual, personalidade e narcisismo*. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/130316/30970>
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200006>
- Renner, L., & Slack K. (2004). *Intimate partner violence and child maltreatment: Understanding co-ocurrence and intergenerational connections*. Institute for Research on Poverty, University of Wisconsin-Madison.
- Rohmann, E., Neumann, E., Herner, M. J., & Bierhoff, H.-W. (2012). Grandiose and vulnerable narcissism: Self-construal, attachment, and love in romantic relationships. *European Psychologist*, 17(4), 279–290. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000100>
- Romano, A., Negreiros, J., & Martins, T. (2007). Contributos para a validação da escala de auto-estima de Rosenberg numa amostra de adolescentes da região interior norte do país. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 109-116.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and The Adolescent Self-Image*. Princeton: Princeton University Press.
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 253-268.

- Santos, P. J. (2008). *Validação da Rosenberg Self-esteem Scale numa amostra de estudantes do ensino superior*. Conferência Internacional Avaliação psicológica: Formas e Contextos (Vol. XIII), Braga. <https://hdl.handle.net/10216/16164>
- Silva, A. F. (2016). *Violência no namoro e sua relação com características pessoais e interpessoais do jovem adulto estudante universitário*. Universidade de Coimbra, Portugal.
- Simões, C., Matos, M. G., Ferreira, M., & Tomé, G. (2010). Risco e resiliência em adolescentes com necessidades educativas especiais: Desenvolvimento de um programa de promoção da resiliência na adolescência. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(1), 101-119.
- Sousa, C., Herrenkohl, T. I., Moylan, C. A., Tajima, E. A., Klika, J. B., Herrenkohl, R. C., & Russo, M. J. (2011). Longitudinal study on the effects of child abuse and children's exposure to domestic violence, parent-child attachments, and antisocial behavior in adolescence. *Journal of interpersonal violence*, 26(1), 111–136. <https://doi.org/10.1177/0886260510362883>
- Talbot, F., Babineau, M., & Bergheul, S. (2015). Les dimensions du narcissisme et de l'estime de soi comme prédicteurs de l'agression en lien avec la violence conjugale. *Annales Médico-Psychologiques*, 173(2), 193–196. <https://doi.org/10.1016/j.amp.2013.07.005>
- Tajima, E. A., Herrenkohl, T. I., Moylan, C. A., & Derr, A. S. (2011). Moderating the Effects of Childhood Exposure to Intimate Partner Violence: The Roles of Parenting Characteristics and Adolescent Peer Support. *Journal of research on adolescence: the official journal of the Society for Research on Adolescence*, 21(2), 376–394. doi:10.1111/j.1532-7795.2010.00676.x
- Torteya, C. M., Bogat G. A., Eye, A., & Levendosky A. (2009). Resilience among children exposed to domestic violence: the role of risk and protective factors. *Child development*, 80, 562-77. doi: 10.1111/j.1467-8624.2009.01279.x
- Vaz Serra, A. (1988). O auto-conceito. *Análise Psicológica*, 6(2), 101-110. <http://hdl.handle.net/10400.12/2204>
- Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and Psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178.
- Widom, C. S., Czaja, S., & Dutton, M. A. (2014). Child abuse and neglect and intimate partner violence victimization and perpetration: a prospective investigation. *Child abuse & neglect*, 38(4), 650–663. doi: 10.1016/j.chiabu.2013.11.004
- Wolfe D. A., Crooks C. V., Lee V., McIntyre-Smith A., & Jaffe P. (2003). The effects of children's exposure to domestic violence: A meta-analysis and critique. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 6, 171–187. <https://doi.org/10.1023/A:1024910416164>
- Wolfe, D. & Scott, K. & Wekerle, C., & Straatman, A.-L. (2001). Child Maltreatment: Risk of Adjustment Problems and Dating Violence in Adolescence. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 282-9. doi: 10.1097/00004583-200103000-00007
- Zimet, G. D., Dahlem, N., Zimet, S., & Farley, G. (1988). The Multidimensional Scale of Perceived Social Support. *Journal of Personality Assessment*, 52(1), 30–41. doi: 10.1207/s15327752jpa5201_2

Anexos

Fatores de proteção e de vulnerabilidade na transmissão intergeracional

O presente estudo insere-se num projeto de investigação científico no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Pedimos que responda de forma mais sincera possível, uma vez que a sua colaboração será de extrema importância. Para preencher este questionário de auto resposta é necessário que tenha tido, no mínimo, UMA RELAÇÃO AMOROSA NA SUA VIDA.

A sua participação, é, no entanto, absolutamente voluntária, podendo inclusivamente, se assim o entender, desistir a qualquer momento.

De salientar, ainda, que os resultados assim obtidos são estritamente confidenciais, sendo apenas utilizados para efeitos de investigação.

Obrigada pela sua participação !

Question *

- Aceito participar nesta investigação
- Não aceito participar nesta investigação

Dados sociodemográficos

Description (facultative)

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

Réponse courte

Nacionalidade *

Portuguesa

Autre...

Zona de Residência *

1. Norte

2. Centro

3. Área metropolitana de Lisboa

4. Alentejo

5. Algarve

6. Região Autónoma dos Açores

7. Região Autónoma da Madeira

8. Estrangeiro

Reside em casa *

De familiares

Própria

Alugada

República

Estado Civil *

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a) ou Separado(a)

União de Facto

Viúvo(a)

Habilitações Literárias do respondente *

- Nunca frequentou a escola
- Frequência do 1° ciclo
- 1° ciclo completo (equivalente à 4° classe)
- 2° ciclo (equivalente ao 6° ano)
- 3° ciclo (equivalente ao 9° ano)
- Secundario ou equivalente (12° ano)
- Licenciatura
- Mestrado/Doutoramento
- Autre...
.....

Situação Laboral *

- Estudante
- Trabalhador-estudante
- Empregado
- Desempregado
- Reformado/Pensionista
- Formação Profissional
- Autre...
.....

Instituição frequentada

Réponse courte
.....

Curso frequentado

Réponse courte

Já alguma vez se viu envolvido(a) em alguma situação de violência no namoro? *

- Sim como provocador
- Sim como vítima
- Não

Por vezes as relações amorosas provocam determinados problemas pessoais, relacionais, sociais ou de saúde. Indica quais dos seguintes problemas já viveu na sua vida em consequência de uma relação amorosa. *

- Isolamento
- Comportamentos sexuais de risco
- Problemas familiares
- Depressão
- Perturbações alimentares
- Problemas de autoconfiança
- Problemas de desconfiança no outro
- Perda de autonomia
- Problemas de saúde e bem-estar psicológico
- Problemas de saúde física

Perda de liberdade

Ansiedade

Autre...

Com quem cresceu? *

Pais

Avós

Tios

Autre...

Alguma vez assistiu a alguma cena de violência entre os seus pais (ou outras figuras cuidadoras)? *

Sim

Não

Se sim, era uma situação recorrente?

Sim

Não

Alguma vez foi vítima de algum tipo de violência por parte dos seus cuidadores? *

Sim

Não

Se sim, era uma situação recorrente?

Sim

Não